

Luciano de Samósata, *Como se deve escrever a história* (Tradução, notas, apêndices e ensaio de Jacyntho Lins Brandão), 1ª edição bilíngue, Belo Horizonte, Tessitura, 2009, pp. 280, ISBN: 85-997-4519-9

O ano de nascimento de Luciano de Samósata, 115 d.C., remete-nos à época do auge da florescência intelectual no Império romano e coincide com a opulência romana legada pelo reinado de Trajano, de 107 a 113 d.C., período de bem-sucedidas políticas social e cultural, marcado pela manifestação cultural de diferentes povos em Roma. Tal ambiente se configura pelos muitos escritos produzidos na região oriental, em grande parte identificados com a cultura grega. Essa significativa participação dos intelectuais gregos na vida literária do Império é vista como o renascimento da tradição literária grega.

A despeito das divergências quanto à natureza, ao precursor, à origem e à datação desse renascimento, convencionou-se chamá-lo de Segunda Sofística, expressão cunhada por Flávio Filóstrato, em sua obra *Vida dos Sofistas*, datada entre os anos de 231 e 237 d.C. e escrita depois da morte de Luciano, ocorrida em 200 d.C.

Os escritos de Luciano de Samósata revelam ao mundo romano não somente o talento literário do autor, mas também nos traz elementos de uma cultura em parte preservada em livros e em parte reproduzida no cotidiano daqueles que proclamavam descender dos gregos, exibindo árvores genealógicas que alcançavam a primeira geração de Hércules (!).

A importância de seu momento histórico, filosófico e literário atravessa os séculos e faz de Luciano um autor interessante ao nosso tempo. Felizmente, nós, leitores da língua de Camões, contamos com a tradução de *Como se deve escrever a história* de Luciano de Samósata, fruto do mais recente trabalho do professor Jacyntho Lins Brandão publicado no Brasil. Na introdução que precede a tradução, o autor principia nos mostrando que o gênero historiográfico não se enquadra bem na natureza das obras de Luciano, caracterizadas pela irreverência de seus diálogos cômico-filosóficos, por preceitos retóricos, por biografias, por escritos teatrais e até mesmo por sua veia romancista. Enfim, a história e sua metodologia distam do perfil literário de Luciano.

Então, como explicar que um não-historiador tenha deixado aos seus pósteros uma obra com o título *Como se deve escrever a história*? Por se tratar de um autor não muito explorado pela crítica literária, uma resposta para tal contradição pode ser ainda incipiente e, portanto, imprecisa; mas, como demonstra Lins Brandão, citando Hartog, suas implicações representam: “Uma dupla ironia [...] por dever-se a alguém que jamais pôs a mão na massa, escrevendo a história; de outro, por ser ‘um encaixe importante na transmissão do retrato de Tucídides como modelo do historiador’” (p. 12). Tal assertiva encontra respaldo principalmente neste passo:

Tucídides fez muito bem [...] em discernir entre a virtude e o vício na historiografia [...]. Diz ele que o que escreve é uma aquisição para sempre, mais que uma peça de concurso, voltada para o presente; diz ainda que não acolhe o fabuloso, mas deixa para a posteridade a verdade dos acontecimentos. Acrescenta também que a utilidade é o fim da história, de modo que, se alguma vez, de novo, acontecerem coisas semelhantes, se poderá, diz ele, consultando-se o que foi escrito antes, agir bem com relação às circunstâncias que se encontram diante de nós.

E basta-me que o historiador tenha essa mentalidade (parágrafos 42-43)

A irreverência de Luciano também é retratada em sua Introdução. A ela o autor credita a transmissão de sua extensa produção, formando então o que Brandão denomina de “tradição luciânica”, que desperta o interesse dos estudiosos por sua obra. A partir de então, as páginas

seguintes relatam os caminhos dos escritos de Luciano em terras lusófonas. Após a introdução, o texto de Luciano apresenta-se ao lado de uma tradução próxima do original e de fluida linguagem. Dessa maneira, Jacyntho Lins Brandão igualmente abriga o leitor especializado e o leigo interessado com a tradução acompanhada de notas elucidativas de *Como se deve escrever a história*.

Os apêndices encantam o leitor por sua originalidade. São cartas que conduzem o leitor a um tempo no qual os religiosos dedicavam suas horas a traduzir obras gregas. Destaco aqui as correspondências iniciais entre Frei Jacintho de São Miguel e o Conde de Ericeira, logo na primeira página dos apêndices, sob o título de *Prefácio de Frei Jacintho de São Miguel à sua tradução e à do Frei Manoel de Santo Antônio, dirigido ao Conde de Ericeira*, em que o religioso requer junto ao conde de Ericeira o seu julgamento na seguinte questão:

O referido Padre verteu do original a sentença, sem ater-se às palavras, procurando com todas suas forças manifestar o pensamento do autor com as próprias frases da língua portuguesa que mais se assemelhassem às expressões da língua grega. Eu, de maneira me sujeitei e me quis atar às palavras e às frases gregas, que até os casos dos nomes, os tempos, os modos e as vozes dos verbos trabalhei por exprimir, quanto pude, na língua portuguesa. Esta vem, pois, a ser a controvérsia: qual das duas versões pode ler-se sem deslustre do tradutor (p. 101).

A atualidade do debate proposto por Frei Jacintho de São Miguel em 20 de novembro de 1732 é perceptível nas hodiernas discussões que continuamente lançam tais inquietações sobre o ofício do tradutor, os limites entre a tradução e a versão.

Com um estudo denominado *Luciano e a história*, Jacyntho Lins Brandão não encerra sua tradução nos apêndices; pelo contrário, demonstra fôlego ao tecer reflexões sobre a escrita de Luciano em sete capítulos. O autor abre seu estudo com o capítulo “As histórias e a história”, no qual analisa os conceitos de *historía* e *diégesis* no *corpus lucianeum*. No segundo capítulo, intitulado “A história justa”, são discutidos os traços constitutivos de uma narrativa histórica na visão de Luciano, e ainda sobre qual seria o gênero literário do tratado em epígrafe. No terceiro capítulo, “O cordão dos puxa-sacos”, o autor pormenoriza sua afirmação de que o tratado luciânico enquadra-se na categoria de panfleto, demonstrando a influência da tradição literária grega em seu estilo, bem como seu diálogo com o presente, este último visível em suas acirradas críticas aos bajuladores de seu tempo. O tema da bajulação, conforme Lins Brandão, consiste no primeiro pilar do gênero panfletário de Luciano.

Em “Poesia e história”, título do quarto capítulo, o autor relaciona o tema da bajulação com a poesia, conferindo ao dom das Musas o posto de segundo pilar da narrativa panfletária de Luciano. No capítulo seguinte, “Vícios e virtudes”, o autor segue analisando os propósitos do caráter heterogêneo da escrita luciânica, que abarca a poesia, a filosofia, a história e a retórica, aliadas à sua veia cômica. No sexto capítulo, “Assim (não) seja o historiador: um”, Lins Brandão salienta a cisão existente em *Como se deve escrever a história* no parágrafo 32, onde ocorre a bipartição do texto. Nas palavras do próprio autor:

As duas partes [...] não se espelham de forma exata uma na outra: se a segunda adota um tom de ordem mais geral, a primeira usa extensamente de exemplos, mais exatamente, articula-se em torno dos mesmos, o que faria pender para ela o mais relevante da obra, já que sua motivação está justamente no que é praticado pelos que escrevem uma história contemporaneíssima (p. 229).

Ambas as partes são analisadas por Lins Brandão, estudadas com profundidade neste e no último capítulo, denominado “Assim (não) seja o historiador: dois”. Tais capítulos encerram discussões basilares às teorias concernentes à prática do historiador.

Para concluir, cumpre dizer que, além de grande estudioso da obra luciânica, Jacyntho Lins Brandão é um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Professor Titular de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal de Minas Gerais e autor de vários livros.

Pela natureza minuciosa e interdisciplinar de seus trabalhos, que despontam também no cenário internacional, certamente a leitura do livro que se apresenta nesta resenha em muito enriquecerá o seu leitor.

Maria Aparecida de Oliveira Silva
UNESP/Araraquara
Bolsista da FAPESP

